

A segunda geração de biocombustível

Foi aprovado um orçamento de • 68 milhões, pela União Européia, para o desenvolvimento de pesquisas e estudos sobre uma "segunda geração" de biocombustíveis. O objetivo é encontrar um produto mais adequado tecnologicamente em relação ao etanol e com impactos ambientais menores do que a plantação de cana-de-açúcar.

Embora o biodiesel e o etanol entrem no mercado numa escala cada vez maior, a UE teme que seu uso generalizado cause problemas em relação ao meio ambiente e à tecnologia.

O desenvolvimento de uma segunda geração de biocombustíveis partiria de uma síntese de biomassa em laboratório. Esse processo garantiria a qualidade necessária para um combustível, além de um maior padrão ambiental.

Com os recursos liberados, os cientistas iniciarão estudos, e um dos projetos será escolhido para ser testado. A UE avaliará o produto com base nos custos, emissões de gás e eficiência energética.

BARREIRAS

A UE também iniciou um estudo sobre quais são as barreiras para a ampliação do uso da biomassa como combustível, seja nas indústrias, no setor energético ou nos transportes.

Bruxelas quer que 5,75% do mercado de energia do bloco venham do biocombustível até 2010. Para 2020, a meta é 20%. Muitos países, porém, ainda resistem em pôr em andamento seus programas de incentivo para o uso do biocombustível.

Apesar de todos os planos, os compromissos políticos até agora não foram transformados em ações. A estratégia anterior da UE, formulada há cinco anos, era de conseguir que, até 2005, 2% da energia no continente fossem gerados pelo etanol. Mas muitos países nem sequer ainda têm um plano de como farão isso. No ano passado, a Comissão Européia, órgão executivo da UE, chegou a ser obrigada a abrir processos contra sete países que não seguiram suas recomendações e estabeleceram metas abaixo do proposto pela UE para o uso do etanol.

Em 2004, quem mais produziu o biocombustível foi a Espanha, com 194 mil toneladas de etanol. Mas segundo os analistas, essas são taxas ainda muito baixas e inferiores à média mundial. Hoje, cerca de 10% dos combustíveis no mundo são feitos a partir da biomassa, mas o Brasil e os Estados Unidos são os grandes responsáveis por essas taxas.

Diante da baixa adesão dos países europeus, a Comissão Européia estuda a possibilidade de transformar o uso do biocombustível em obrigatório, e que não mais seja apenas uma recomendação. ■

Doce temporada

Diante da elevação dos preços internacionais do açúcar, as usinas de açúcar e álcool da Região Centro-Sul refazem sua posição e mudam de estratégia comercial. Para o produto voltado ao mercado externo, as quantidades vendidas com preços fixados perderam interesse. No primeiro bimestre deste ano, a queda desse tipo de operação foi de 50% para 35%, para os embarques da próxima safra, 2006/07.

As exportações brasileiras de açúcar chegarão a 20 milhões de toneladas em 2006, na hipótese de crescimento de 10% sobre 2005, quando foram embarcados 18,15 milhões de toneladas e a receita foi de US\$ 3,9 bilhões, conforme levantamento da União da Agroindústria Canavieira de São Paulo (Unica).

As perspectivas de firmeza nas cotações estimulam o movimento de preços abertos. A conjuntura é bem diferente de igual período do ano passado, quando as usinas tinham uma visão mais conservadora em relação ao comportamento dos preços do açúcar. Se no ano, as cotações acumulam alta acima de 20 %, nos últimos 24 meses, passam de 200,0%.

Com uma oferta apertada do produto no mercado internacional e a maior disposição das usinas brasileiras em destinar boa parte da produção da cana para o álcool, os preços do açúcar atingiram os maiores patamares dos últimos 25 anos. Há menor oferta devido a problemas climáticos, tanto no Brasil como na Tailândia, dois dos principais exportadores. A estimativa da Organização Internacional do Açúcar foi de quebra de oferta de 1,01 milhão de toneladas.

EFEITO OMC

Por sua vez, a UE deverá reduzir entre 3 e 4 milhões de toneladas suas exportações de açúcar por determinação da Organização Mundial do Comércio (OMC) - que condenou a política de subsídios do bloco em processo movido por Brasil, Austrália e Tailândia. Com uma parte sobrevivendo graças aos subsídios, existem na Europa cerca de 150 usinas em operação. Por conta da determinação da OMC, de 15 a 20 unidades serão fechadas.

Com crescimento anual entre 1,5% e 2% ao ano, a produção mundial de açúcar – em torno de 150 milhões de toneladas anuais – encontra apoio principalmente no aquecimento da demanda em países em desenvolvimento. O crescimento se dá principalmente nas indústrias de alimentos e bebidas, e está diretamente ligado ao avanço da urbanização em países como China e Índia.

Existe um certo nervosismo no mercado, porque a valorização do açúcar pode desequilibrar a produção, em detrimento do álcool. A expressiva alta dos preços na Bolsa de Nova York também é razão de constrangimento

para muitas usinas. Como cerca de um quinto das exportações brasileiras está coberto com contratos futuros a preços a 10 centavos a libra-peso, é preciso cobrir quase o dobro desse valor.

A demanda por etanol pode elevar ainda mais os preços do açúcar para até 40 centavos de dólar por libra-peso, até 2010. O etanol brasileiro custa cerca de US\$25 o barril, comparativamente ao preço de US\$50 o barril, cobrado pelo etanol americano, fabricado a partir do milho.

A tomada de decisão a respeito de fixação de preços para a safra futura de açúcar no Brasil é realizada normalmente com a antecedência de oito meses em relação ao começo da colheita. No caso do Centro-Sul, o processo decola em setembro e se acentua entre outubro e novembro. Com a colheita no Centro-Sul antecipada de maio para março, em algumas regiões do País, o movimento para a realização de lucro por parte dos fundos é previsível. Os próximos meses serão bem agitados e 'cercados de adrenalina'. Novos recordes não estão fora da vista.

Segundo a União da Agroindústria Canavieira de São Paulo (Unica), até 2010, pelo menos 89 novas usinas de açúcar e álcool entrarão em operação no País, num aporte total estimado em US\$10,5 bilhões. Também até 2010, a produção brasileira de cana tende a saltar das atuais 386 milhões de toneladas - que geram 27 milhões de toneladas de açúcar - para algo em torno de 535 milhões de toneladas.

A história do setor registra momentos de alta e baixa, desde a aplicação do Programa Nacional do Alcool - Proálcool, em meados da década de 70. Naquela fase, prevalecia a euforia. Nos anos 90, com o fim da intervenção do governo na produção e comercialização de açúcar e álcool, uma onda de quebraadeira passou por muitas usinas. Parte delas não suportaram e foram vendidas, enquanto muitas fazem um imenso esforço de gestão para se adaptarem aos novos tempos.

REVISÃO NORTE-AMERICANA

O protecionismo americano no setor do açúcar sempre foi prejudicial para as exportações brasileiras e, como consequência, para a criação de empregos no País. Avaliação feita pelo

Departamento de Comércio dos Estados Unidos admite: os subsídios e tarifas altas para o açúcar geram desemprego também para a economia americana.

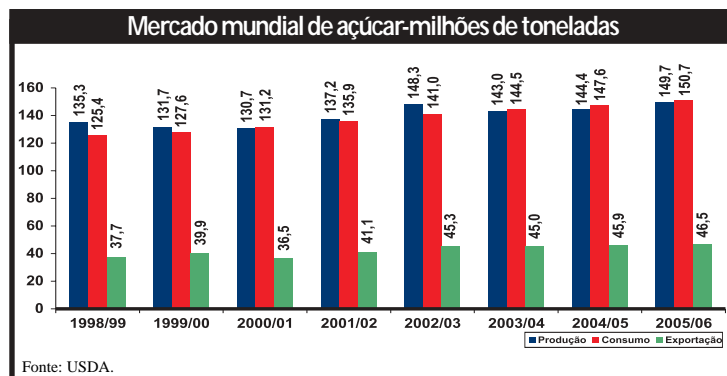
O estudo acusa o subsídio de gerar aumento no preço do açúcar no mercado americano. As empresas são obrigadas a comprar matéria-prima mais cara e perdem competitividade. A saída é fechar as portas das fábricas nos EUA e abrir em países onde o açúcar é menos protegido e, portanto, mais barato. O resultado foi a perda de dez mil postos de trabalho na indústria de doces e chocolate do país, desde 1997.

Agricultores e lobistas defensores do protecionismo alegam que, sem essas medidas, o setor açucareiro nos

EUA sofreria perdas econômicas diante da concorrência internacional e acabaria tendo de demitir parte de seus trabalhadores.

Pelo levantamento, para cada emprego salvo no setor agrícola, quase três são perdidos na indústria de doces. No total, 987 mil pessoas trabalham na indústria de chocolate e de doces, enquanto 61 mil agricultores estão no campo plantando cana-de-açúcar e beterraba.

Com as barreiras, os produtores de açúcar dos Estados Unidos colocam seus produtos no mercado com um preço bem superior à média mundial, sem concorrer contra o açúcar importado. Em 2004, por exemplo, enquanto o preço internacional do açúcar era de 10,9 centavos



de dólar para cada 450 gramas, nos EUA, as empresas pagavam 23,5 centavos.

As empresas mudam principalmente para o Canadá e o México, onde o açúcar mais barato reduz os custos de produção em quase 50%. Até a Casa Branca está sensibilizada para o fato de que o protecionismo precisa acabar, a fim de que a indústria seja competitiva. O difícil é passar pela muralha representada pelo poderoso lobby do açúcar no Congresso americano, já que vários deputados são eleitos exatamente para proteger os empregos no campo.

Porém, o processo de corrosão desse lobby é uma realidade. No ano passado, o Brasil ganhou uma disputa contra europeus na Organização Mundial do Comércio (OMC), que julgou como ilegais o protecionismo e os subsídios de Bruxelas para o açúcar. Na época, empresas importantes do setor norte-americano de chocolates se posicionaram abertamente em favor do Brasil. ■